

nara roesler

marcelo silveira



marcelo silveira

n. 1962, Gravatá, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação, e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, resignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

capa vista da exposição

Hotel Solidão, Nara Roelser New York, EUA, 2022

imagens cortesia do artista e Nara Roesler

[clique aqui para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto*, obras por Marcelo Silveira, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor*, Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- 35º Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

esculturas em madeira (cajacatinga)

A cajacatinga é uma espécie de madeira característica da mata atlântica brasileira. O primeiro encontro de Marcelo Silveira com esse material se deu através de uma antiga roda d'água do engenho da família. Ao ser desmanchada, o artista herdou o material e apropriou-se dela para realizar suas primeiras experimentações. Parente do cedro, seu odor distintivo e sua maleabilidade, que oferece diversas possibilidades plásticas, são suas principais características. Por ser resistente à água, ela foi amplamente utilizada em engenhos para a construção estruturas que se encontravam em constante contato com a água.

Pele XXIII, 2009/2021
madeira cajacatinga, cera
de abelha e pino metálico
unique
170 x 191 x 42 cm

→
De natureza viva, 2005/2006
cajacatinga
35 x 246 x 96 cm
54 x 126 x 75 cm | 62 x 120 x 145 cm









Marcelo Silveira elegeu o material como protagonista de sua prática artística baseada na confluência de práticas e métodos tradicionais ligadas ao universo da artesanaria, com a estética do universo artístico. O artista explora as características da madeira, em diferentes configurações, por vezes em estruturas colocadas sobre a parede, como relevos; outras, construindo formas que brotam do chão; ou ainda, aparecem penduradas no ar, como que flutuando.

O curador e crítico Moacir dos Anjos escreveu: “há alguns anos Marcelo Silveira vem se dedicando à construção de estruturas feitas de pedaços de madeira que ele recorta, lixa e fura para depois encaixá-los, uns nos outros, por meio de cavas e pinos. Essas estruturas articuladas são por vezes postas de pé sobre o chão ou apenas encostadas na parede, traindo uma arquitetura precária que parece estar sempre próxima ao desmanche. Outras vezes pendem do teto em balanço e eludem, mesmo à pouca distância, se são destinadas somente à visão ou também ao tato. Seja através do desastre iminente da queda ou da mobilidade que as peças aéreas permitem, parece haver, em todos esses trabalhos, a admissão contida de mudar a configuração com que se apresenta, trazendo sempre, em potência, a ideia de movimento.”

Manuais de liêdo (lote IV), 2006
cajacatinga
14 peças (280 × 180 × 70 cm)
dimensões variáveis

...RATA... MONIA... COM OS RECURSOS... BILIDADE... COES AVA...
...NHOR... NCE... ROS DA FAMILIA... GUIR SEG... MES... O ANGUL...
...OCAS... NDADA... CASA E COMO UMA... CESSOP... EM... UM DIS...
...EZA E P... LETRA A PRASO FUR... MADONO... TOD EUM... S ANG...
...UM SIM... LETRA NA... DO PROP... E E BEM... DECORATI... AN...
...OFFERT... AR O A QUEM A LEI... UROROI... ENCAIXE... NEL...
...SE AMA... DE DIREITOS ESPECIA... AS NOAM... UO... DAS PA... AFUN...
...EDICAC... NTRE OS QUAIS OS DE PORO... E QUE... ESTAN TETE... VEL...
...ELLAS... INQUILINO NA RUA SENAOP... RENTE POI EN DO POI... RDO...
...O AR... AGAR NO DIA... NA... PRA ESTA... MAIS ALTA DO QUE... RESE...
...DISSIM... BELECIDOS... A... A... N... OS SO MODEL... UDAR...
...E BOM... E PRECISO QUET... RTA... A... N... OS SO MODEL... ET... DA...
...A LENTU... A BALHE COM... UID... TE... TE... TERA UM... METR... HA...
...O TEXTO... ADO EVITANDO PO... SE... DE EXTENSAO... N... AS... ONIVE...
...MODO... ASSIVEIS ACIDENTE... IRAS RENTE... AS PAR... EPEN...
...DE XETA... A... SO PROCES... MAS... MOVEN... TA... CENTIME... CODE...
...D... A... P... DE FIXA... CAOD... ARTI... LIVRE... COMO... ONAR...
...TEM... TRINTA... CENT... USAN...
...TEM... ARMAR... TEM... TRINTA... CENT... USAN...
...TEM... ARMAR... TEM... TRINTA... CENT... USAN...



Aérea, 2009/2010
cajacatinga
130 x 100 x 460 cm



Em *Compacto com pacto* (2018), série de esculturas, Silveira amplia sua pesquisa com a madeira ao se apropriar das estruturas de cadeiras de balanço. O artista rearticula os fragmentos curvilíneos desse móvel em estruturas lineares e abstratas que aparecem sustentadas por um cabo, como que flutuando acima do chão, ou diretamente sobre o piso, introduzindo, pela sua forma, um movimento orgânico no espaço.

Compacto com pacto 06, 2018
madeira
50 x 110 x 90 cm

→
Compacto com pacto # 11, 2018
madeira
110 x 120 x 110 cm

→→
vista da exposição
Compacto mundo das coisas, 2018







apropriações

A apropriação encontra-se no centro da prática de Marcelo Silveira, um verdadeiro “especialista em coisas inúteis”. Para o curador, crítico e historiador da arte Michael Asbury, Silveira é muito mais um herdeiro de Bispo do Rosário do que de Duchamp no que diz respeito a sua inspiração para “incorporar os objetos cotidianos, oriundos da natureza ou do consumismo, que surgem transformados, revisitados, reconfigurados em seu trabalho. Um exemplo é *Com Fé*, que consiste em embalagens de café douradas, esticadas e emolduradas como se fossem folhas de ouro. Aqui, um material dos mais banais é transformado em belíssimos monocromos dourados. O artista confessa que estes trabalhos surgiram de seu desdém pela cor dourada. Numa atitude semelhante à adotada em trabalhos anteriores, a admissão de sua repulsa a algo, de não gostar de algo o incomoda, chama sua atenção e o direciona sem remorso à própria coisa, como um desenhista que volta a uma linha que desenhara anteriormente”

Com fé, 2013/2016
madeira e embalagens de café
145 x 95,5 cm





Silveira se vale de materiais e objetos do cotidiano que são ressignificados a partir de gestos de deslocamento e colecionismo, assim como pela sua articulação com outros elementos ou pela sua transformação física. Muitas vezes, o artista faz coexistir técnicas e vocabulários do universo da artesanaria brasileira junto com aqueles provenientes da tradição da história da arte. O repertório de trabalhos executados a partir da apropriação é extenso: *Só resta o cheiro* (2005), constitui-se a partir da reunião de cinco mil vidros de perfume; *Irene da Alegria à Glória* (2017-18) é um conjunto de 160 postais encontrados pelo artista e rasurados com caneta esferográfica até o ponto de quase completa obliteração da imagem, convocando-nos a olhá-las de perto; *Arquitetura de interior* (2008), são blocos de papéis de presente reunidos até ganhar espessura.

Irene da Alegria à Glória,
grupo IV, 2018
cartão postal
47 x 57 x 5,5 cm





Irene da Alegria à Glória (III)
parte 2/5, 2017/2018
papel, caneta esferográfica,
madeira e CMC
3 peças de 32 x 43 x 4 cm



Irene 4, 2017/2018
cartão postal
10 peças de 47 x 50 x 5 cm

→
vista da exposição
Compacto mundo das coisas
Nara Roesler São Paulo, Brasil, 2019

→→
Só resta o cheiro, 2005
5000 vidros de perfume
e prateleira de madeira
240 x 200 x 80 cm





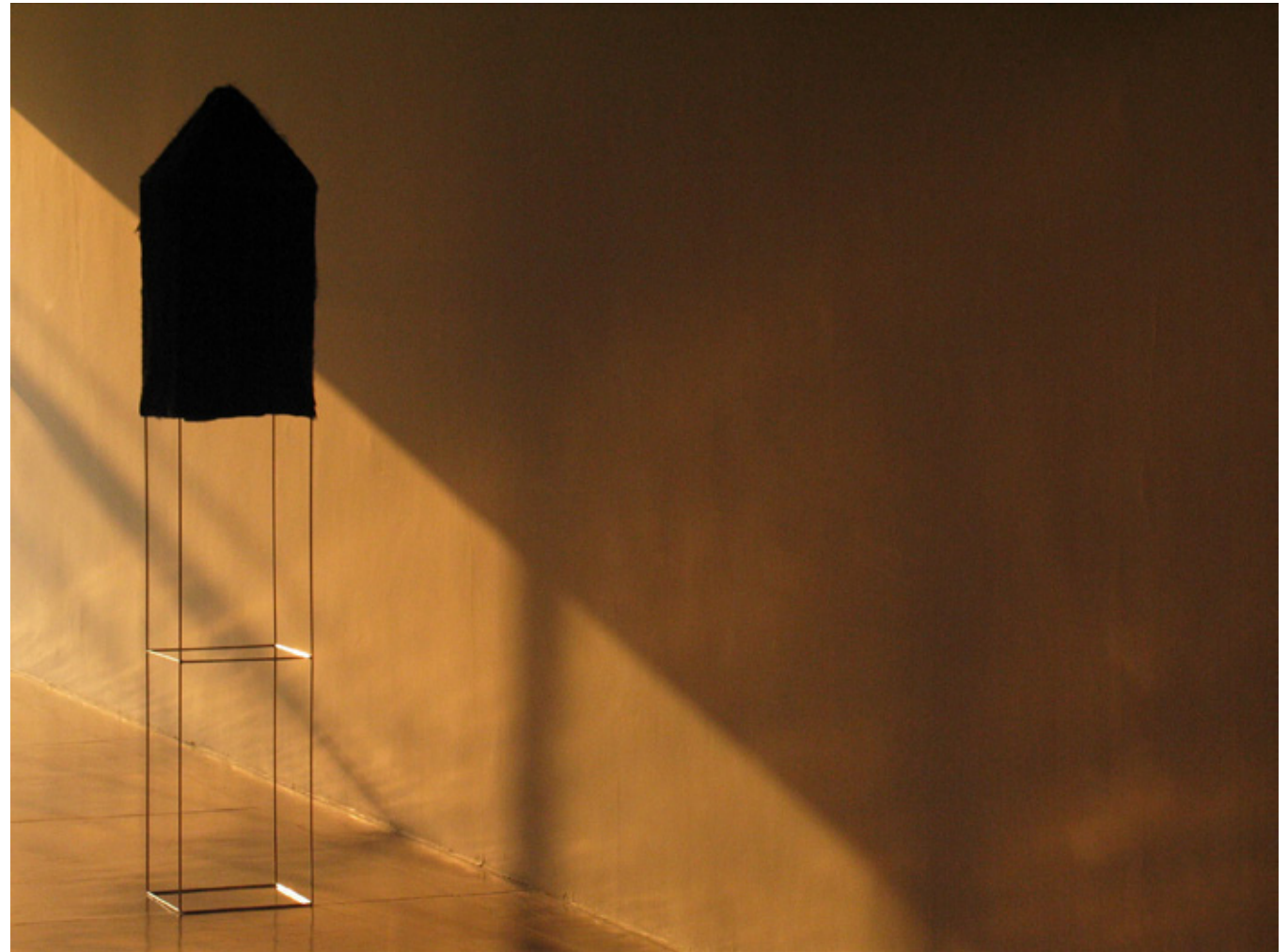


Em *Censor* (2013-14), exibido em mostra homônima no Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo, em 2016, o artista cria uma mostra fictícia de cinema ao recriar uma realidade existente no período da ditadura. A obra é composta de trinta cartazes de filmes, impressos em policromia, sobre os quais sobrepõem-se três placas de acrílico na cor magenta, vazados em algumas partes, o que permite apenas insinuar o conteúdo de certas áreas e revelar o de outras. Os fragmentos textuais acabam por nos informar da intenção explícita e pragmática de cada filme.

vista da exposição
Censor, 2016
Museu da Imagem e do Som (MIS),
São Paulo, Brasil

casas

“Nas ‘casas’, Marcelo Silveira re-atualiza questões recorrentes no conjunto de sua obra, como a exploração ou o ‘desvio’ de certas práticas artesanais brasileiras, infiltrando aspectos fantasmáticos ao que era originalmente apenas funcional; o embate frontal com a matéria, no sentido brancusiano, e que antes ele focava direto na madeira; o caráter lúdico e orgânico de suas formas, sempre apto a dar frescor e naturalidade ao que é da ordem prioritariamente mental. Silveira tem, é claro, a nostalgia do tempo em que a esfera do trabalho ainda estava na mão do homem, o desejo de re-conectar o mundo da produção com o universo da natureza, mas não se trata de um anacronismo histórico, e sim de reconhecer que, embora a arte se defronte hoje com o potencial das mídias eletrônicas e máquinas inteligentes, ainda se deve pensar no homem como o móvel da criação.” Escreveu a curadora e crítica Ligia Canongia.



CasaCoronha, 2003
aço inoxidável, couro de
cabra com pelos
184 x 31 x 31 cm

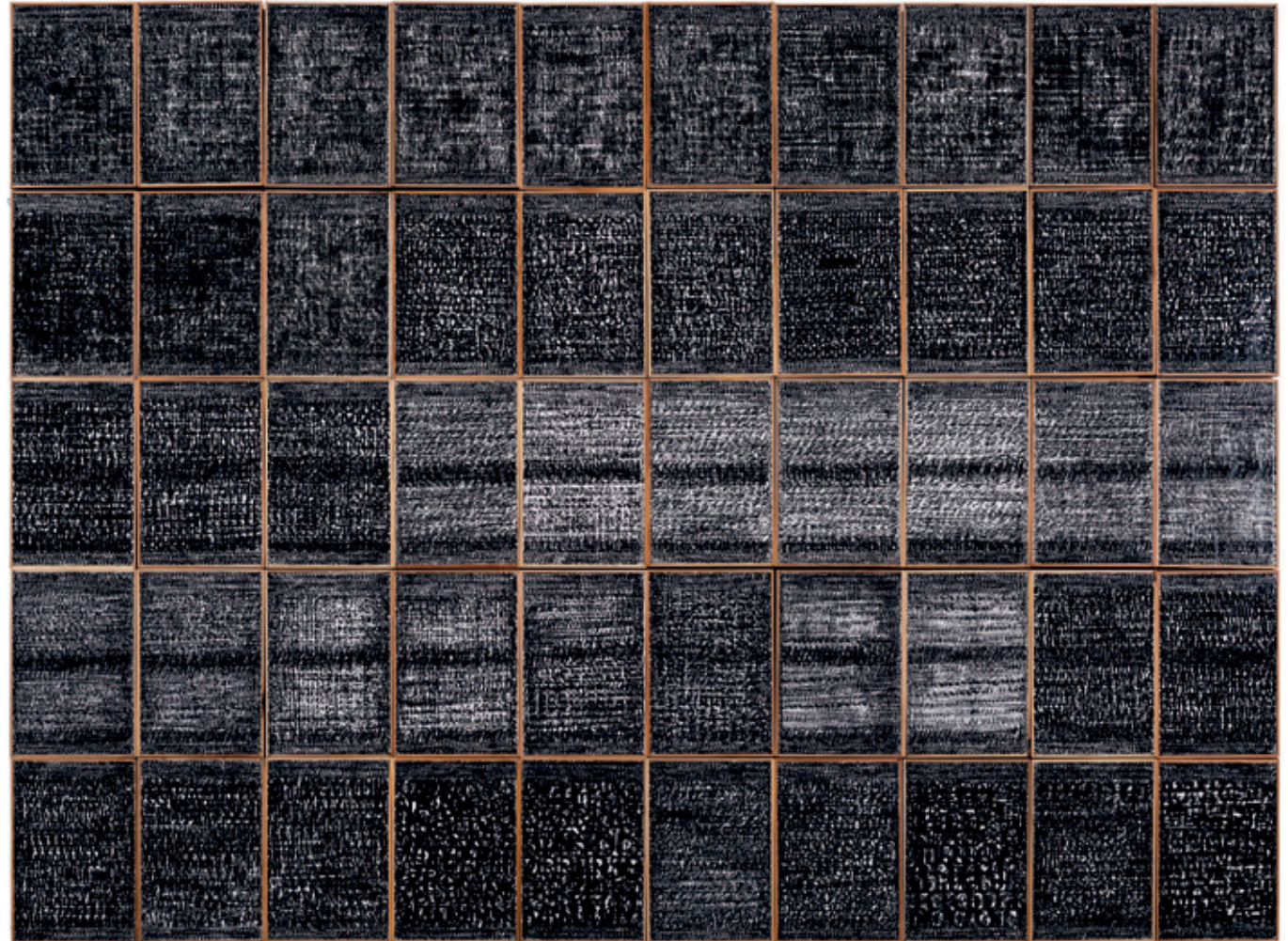


A dimensão do doméstico, da intimidade, é uma constante na poética de Marcelo Silveira. Ela aparece não só pelos elementos cotidianos do qual ele se apropria, mas também pela carga de memória que muitos dos objetos eleitos apresentam. A casa, símbolo desse ambiente familiar, também é uma forma da qual o artista se vale em seus trabalhos. Em séries como *CasaCoronha* (2003) e *Roupas de casa* (2003) ele constrói estruturas em aço e couro que remetem à arquitetura doméstica. Silveira como que cria uma pele que reveste e protege essas diminutas formas domésticas, estabelecendo um diálogo entre o orgânico e o inorgânico, assim como uma reflexão sobre o conceito de abrigo.

vista da exposição
Roupas de casa, 2003
Nara Roesler São Paulo,
São Paulo, Brasil

desenhos

Os desenhos de Marcelo Silveira, muitas vezes seguem princípios que remetem à gravura, valendo-se de matrizes que permitem a reprodução formal. *Caderno de escritos* (2006), por exemplo, constrói-se por carimbos e tinta nanquim sobre papel. A sobreposição de formas cria uma textura que nos lembra uma rasura, um espaço totalmente preenchido por gestos que se colocam no intervalo entre escrita e desenho, despindo-se de qualquer possibilidade figurativa ou simbólica. Em *Ata* (2015-17), Silveira repete o procedimento valendo-se de letraset para cobrir as superfícies dos papéis.



Ata 1, 2015/2017
papel, madeira
e policarbonato
160 x 220 x 4 cm

→
vista da exposição
Compacto mundo das coisas
Nara Roesler São Paulo, Brasil, 2019





Já em *CUCO*, ou *Livro da semana* (2010-13), Silveira se apropria de régua de desenho para criar amplas composições, formados pela justaposição de folhas preenchidas por formas retiradas desses instrumentos. Essas régua, cujo intuito é de instrumentalizar o desenho das crianças, funcionam como stencils que contém diferentes formas, tanto de animais, vegetais, quanto de estruturas construídas pelo homem. O trabalho, funciona, então, como um comentário sobre as possibilidades do desenho a partir da subversão de elementos normativos que visam padronizar a técnica, como a própria régua empregada. Em seguida, com *Caledoscópio* (2011), o artista cria pequenos objetos pictóricos ao reunir essas mesmas régua de plástico coloridas. Agora, ele não utiliza o objeto, reforçando sua função, mas explora as qualidades formais desses utensílios.

CUCO, o livro da semana II,
2012/2013
stencil, caneta esferográfica
s/ papel e madeira
35 tiras de 260 x 23 cm,
dobradas em 12 partes

→
vista da exposição
Chronos, 2012
Nara Roesler São Paulo,
São Paulo, Brasil

CUCO, o livro da semana, 2010/2012
stencil, caneta esferográfica
s/ papel e madeira
42 strips of 260 x 23 cm,
folded in 16 parts





Caleidoscópio, 2011/2012
réguas plásticas coloridas
e aço-inoxidável
27,5 x 20 x 5,5 cm



Caleidoscópio, 2011/2012
réguas plásticas coloridas
e aço-inoxidável
27,5 x 20 x 5 cm

→
vista da exposição
Chronos, 2012
Nara Roesler São Paulo,
São Paulo, Brasil

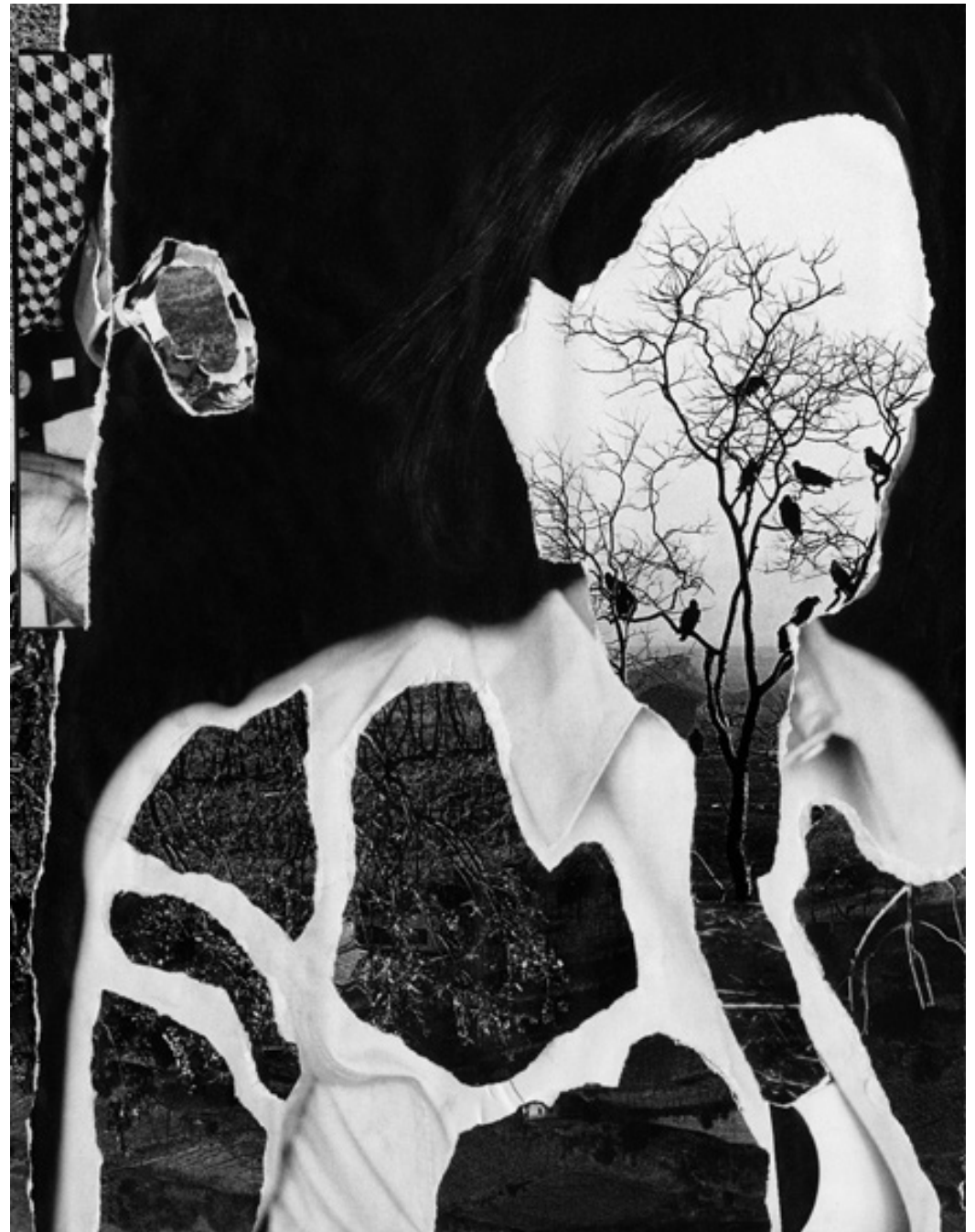




colagens fotográficas

Em *Caixa de Retratos*, série iniciada em 2008, Marcelo Silveira investiga e subverte um hábito comum, o de guardar fotografias em caixas. Esse costume, difere do álbum, espaço reservado para as imagens que se deseja mostrar, enquanto na caixa, repousam as que não serão usadas. Nesse sentido, a caixa de fotografias possui uma dimensão mais íntima do que o álbum. Nesse conjunto de trabalhos, o artista subtrai partes de cópias de imagens em preto e branco encontradas em revistas, organizando-as, em seguida, em caixas que abrigam aproximadamente cinquenta imagens. O resultado é uma espessura das imagens que se sobrepõe. Contudo, trancadas em seus receptáculos, não podemos acessarmos a totalidade do conjunto de imagens, nem a de uma única fotografia, pois todas estão de algum modo fragmentadas.

Caixa de retratos/Família
Albuquerque, nº 140, 2008
colagem
30 x 23 cm

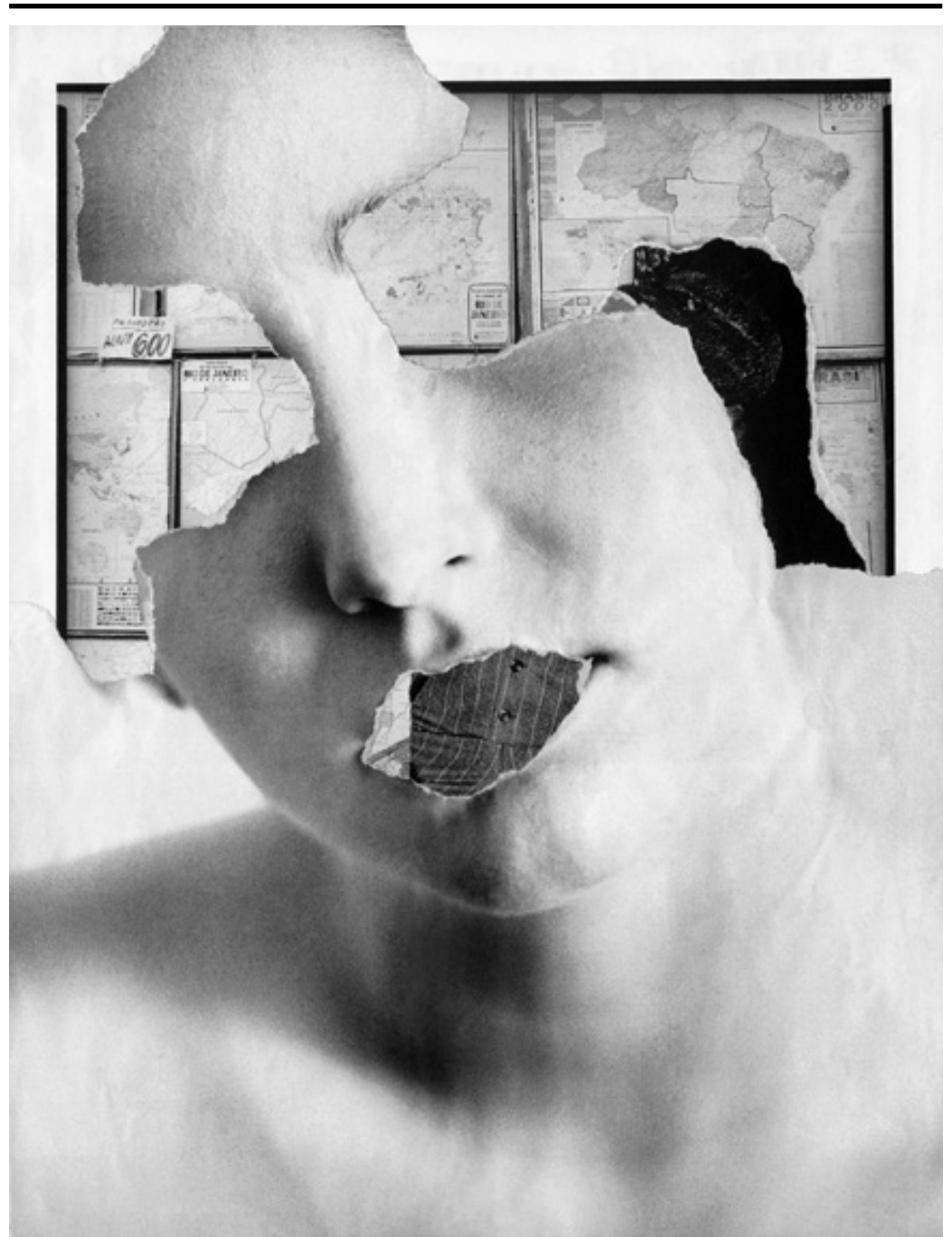




Caixa de retratos/Família Souza,
nº 068, 2008
colagem
30 x 23 cm

Caixa de retratos / Família Oliveira,
nº 188, 2008
colagem
30 x 23 cm

→
Caixa de retratos, 2008
colagem
30 x 23 cm



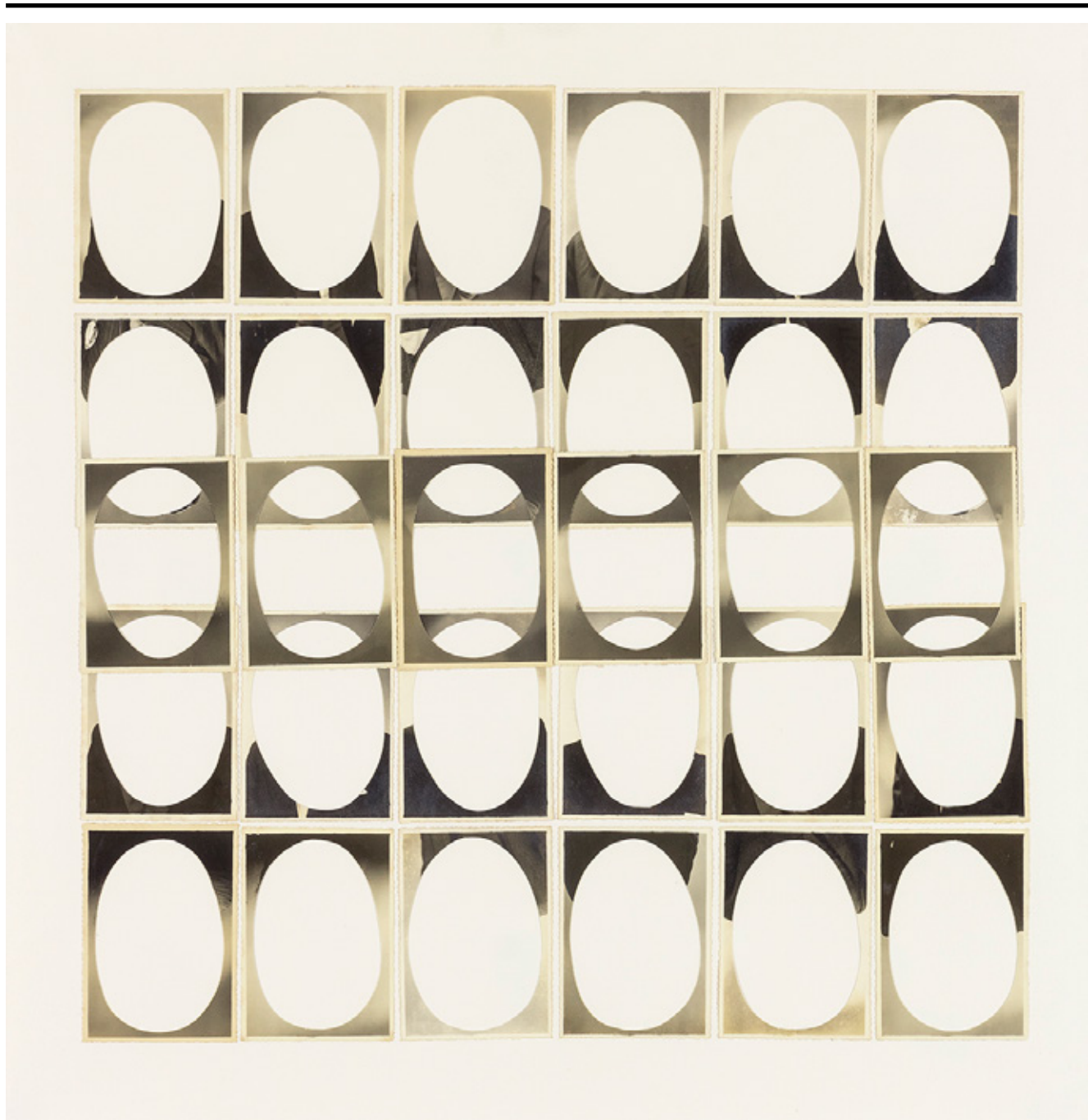




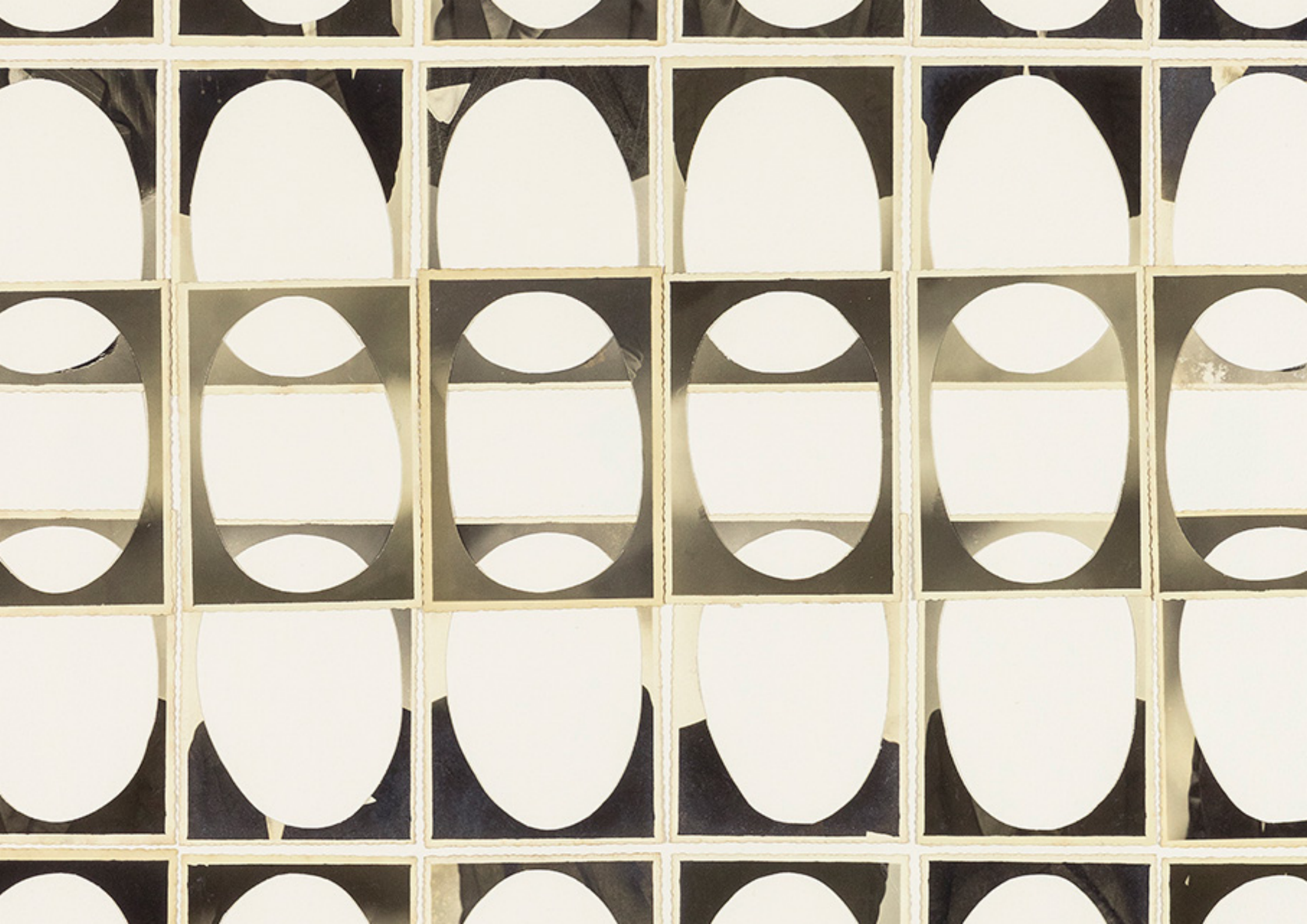
Recentemente, em 2020, Silveira começou a desenvolver a série *Sobre alegria e esquecimento*. O artista agrupa uma série de retratos, subtraindo de seu centro grandes formas ovaladas. Essas imagens, feitas como instrumentos para perpetuar a existência de indivíduos, servindo como auxiliares da memória, encontram-se despidas de sua funcionalidade, devido ao apagamento dos rostos dos indivíduos.

Na série *Paisagem* (2008-12), Marcelo Silveira faz uma reflexão sobre autoria, ao se apropriar de livros de fotógrafos famosos, recortando partes de suas imagens e agrupando-as em um suporte, formando arquipélogos que potencializam as relações entre texturas e matizes das imagens. O trabalho se guia por questões cromáticas e tonais, criando cenários abstratos que nos remetem ao entrelaçamento orgânico da natureza em uma paisagem. Por outro lado, o título também joga com a ideia de autoria, pois a palavra que dá título para a série também pode ser lida como Pais-agem, a ação paterna, que pode ser identificada com o gesto criador do artista.

Sobre alegria e esquecimento
01, 2020
colagem
58 x 58 cm



Sobre alegria e esquecimento
03, 2020
colagem
3 peças de 58 x 116 cm





Paisagem XXXII, 2011
colagem
150 x 150 cm



Paisagem XI, 2008/2009
colagem
150 x 150 cm





Já na série *Hotel Solidão*, o artista se baseia em uma ampla coleção da revista 'Grande Hotel', incluindo edições de 1947 a 1955. Na série, Silveira utiliza capas de revistas ilustradas por artistas italianos, o processo se dá de uma seleção meticulosa, limpeza, corte e colagem em papel cartão. Desta forma, Silveira cria composições que chamam atenção pelo seu impacto de camadas e cores peculiares.

Hotel Solidão (Group VI), 2019/2021
papel impresso, papel jornal, tecido de algodão, eucatex, tinta PVA, cola branca PVA e madeiras diversas
9 peças de 27,2 x 42,1 x 3 cm

→
Hotel Solidão (Group VI), 2019/2021
papel impresso, papel jornal, tecido de algodão, eucatex, tinta PVA, cola branca PVA e madeiras diversas
6 peças de 27,2 x 42,1 x 3 cm







instalações

Muitos trabalhos de Marcelo Silveira possuem um proeminente caráter espacial, seja por explorarem a corporeidade pelo adensamento de suportes bidimensionais, seja pelo posicionamento de suas formas escultóricas no espaço. De fato, alguns trabalhos se apropriam, de forma original, do serialismo característico do minimalismo, criando híbridos entre instalação e escultura. Tal procedimento pode se verificar em *A grande tela* (2012), que parece desmaterializar a tela, no emaranhado de linho guardado em redomas de vidro; assim como na série *Cabeluda* (2006), em que estruturas suspensas feitas com crinas de cavalo remodelam o espaço.



Capítulo Um, 2004
12 peças em alumínio,
vidro e lâmpadas
dimensões variáveis



Em outros casos, como *Rua da Usina* (2005-07) e *Capítulo um* (2004), a luz se torna o protagonista, pela sua capacidade de, através de jogos de luz e sombras, alterar nossa percepção de um ambiente. Já em *Tudo ou nada* (2004-05), Silveira cria um espaço que habita o interior da galeria. Uma estrutura de madeira, couro, tecido, vidro e acrílico, que funciona como a vitrine, ou como loja, estabelecendo um diálogo, ainda que indireto, com o aspecto comercial do lugar onde se insere.

Já em *Bochinche* (2003), Marcelo Silveira transforma o espaço, criando situações que, para ele, evocam a confusão e sobreposição de conversas paralelas. Essa estrutura, se faz pelo peso do couro que se entrelaça, criando um objeto ao mesmo tempo mole, pela sua materialidade e rígido, pela sua configuração, permitindo ao público uma apreciação imersiva a partir de seu deslocamento.

Tudo ou nada, 2005
imagens impressas em
serigrafia sobre tecido
dimensões variáveis

→
Rua da usina, 2005/2007
12 backlights (acrílico, metal
e luz incandescente)
dimensões variáveis



livros e outros múltiplos

Na produção de Marcelo Silveira, o livro de artista parece sintetizar a prática do acúmulo, do colecionismo, e a qualidade intimista de seus trabalhos. Nesse suporte, o artista pode explorar, em objetos feitos para serem fruídos individualmente, em proximidade com o corpo, a sucessão de diferentes imagens e composições. São exemplares dessa prática a série de trabalhos desenvolvidos em 2015, tais como: *Lições Modernas*; *Muito pelo contrário*; e *Da série desenho de casa*. Contudo, essa linguagem é explorada desde 2004, com *Livro do armazém*, publicação feita com impressão de carimbos sobre papel bíblia, permitindo a contaminação devido a relativa transparência das folhas.

Da série modernas 2, 2015
livro
43 x 18 x 23 cm





Para o curador Daniel Rangel: “as palavras seguem ocultas na série livros de artista. As publicações são aqui tratadas como volumes de formas, cores e mistérios. Conjuntos de saberes escondidos, como livros em inalcançáveis prateleiras de uma biblioteca. A imaginação é ativada pelos títulos e nomes visíveis, de pequenas coleções, de livros afins ou enciclopédias e dicionários. O procedimento investigativo e o ato de colecionar são recorrentes na produção do artista. Seu modus operandi aproxima-se com o de um cientista pesquisador, que apreende elementos do exterior, realiza experimentos no laboratório e nos revela constantes descobertas.”

Da série modernas 1, 2015
livro
25 x 58 x 18 cm

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art